

**Esboço sobre a construção da contra-transferência: Aspectos da substância e da forma da comunicação imperceptível na gênese de modelos psicanalíticos e na constituição da cultura <sup>1</sup>**

**Sketch on the construction of the counter-transference: Aspects of the substance and the form of the imperceptible communication in geneses of psychoanalytics models and the constitution of the culture**

*'... Temos, em primeiro lugar, a universalidade do simbolismo da linguagem... trata-se de um conhecimento original... ademais, o simbolismo desconsidera as diferenças de linguagem... (Freud, 1939, Moisés e o Monoteísmo, p119).*

*'Visualizo o sistema protomental como um sistema em que o físico e o psicológico ou mental são indiferenciados... É dessa matriz que as emoções próprias à suposição básica fluem para reforçar, infiltrar e, ocasionalmente, dominar a vida mental do grupo...(Bion, 1961, Experiência com Grupos, p91).'*

*'Graças a tela beta o paciente psicótico apresenta a capacidade de despertar emoções no analista. Suas associações são os elementos da tela-beta que se destinam a estimular as interpretações e outras respostas... (Bion, O Aprender com a Experiência, 1962, p40)*

*'Eu creio que a gente passa muito tempo a teorizar a ação psicanalítica. O que é que induz modificação psíquica? Não são, certamente nossas teorias as responsáveis! Os pacientes evoluem, perdem seus sintomas e adquirem um novo élan de vida, com analistas munidos de teorias diferentes quanto à conduta da cura, ou para explicar estas mudanças. São antes os analistas (isto é, nós) que necessitam de referenciais teóricos, para se manterem juntos' (McDougall, 1991, p76).*

---

<sup>1</sup> Trabalho escrito em 1994 e publicado na revista do CEP-PA em 1997.

**Resumo:** O autor aponta o *paradigma comunicacional* como a última herança de Freud e, fundado na clínica psicanalítica, discute o fenômeno da *comunicação imperceptível* e sua repercussão na *gênese e escolhas de modelos psicodinâmicos*, sustentando a idéia de que estes sempre deveriam ser vistos como *contra-identificações*, como '*contra-transferência lato senso*' e tratados como *memórias encobridoras*. Aborda ainda aspectos do processo de formação da '*contra-transferência lato senso*' pela *comunicação imperceptível* e, sumariamente, a questão relacionada, da *função do erro* em psicanálise, isto é, a *função da 'contra-identificação' lato senso* no processo terapêutico. Resumidamente estuda a influência de '*suposições culturais inconscientes*' tendo parte em modelos psicodinâmicos, estudando a teoria da castração de Freud a partir do enfoque de Chasseguet-Smirgel.

**Summary:** The author points the comunicacional paradigm as the last inheritance of Freud and, established in the psychoanalytic clinic, he argues the phenomenon of the imperceptible communication and its repercussion in geneses and choices of psychodynamics models, supporting the idea of that these always would have to be seen as against-identifications, as ' broad sense ' and treated against-transference as uncovered memories. Sense ' for imperceptible communication e still approaches aspects of the process of formation of the ' broad against-transference, summary the related question, of the function of the error in psychoanalysis, that is, the function of the ' against-identification ' broad sense in the therapeutically process. Briefly, studies the influence of ' unconscious cultural assumptions ' having part in psychodynamics models, studying the theory of the castration of Freud from the approach of Chasseguet-Smirgel

**Descritores:** Epistemologia; modelos psicodinâmicos; intersubjetividade, a função do erro em psicanálise, Bion e mitologia.

**Keywords:** Epistemology; psychodynamics models; Inter subjectivity; the function of the error in psychoanalysis, Bion and mythology.

## **Objetivos e síntese da posição atual do problema**

Em 1938, na derradeira hora, Freud no *'Moisés'* aponta o paradigma<sup>1</sup> último de sua obra, sobre o tema das identificações, da constituição do *ser (self)*, da transmissão inconsciente dessas identificações e sobre a gênese da Cultura. Ele está contido na sua pergunta: *'Como teria persistido na mente do povo judeu que um dia possuíram um pai primevo e o assassinaram?'* Discute a importância da linguagem e da herança atávica na transmissão desta informação, além de apontar que as *'reações a traumas precoces não se limitam estritamente ao que o próprio indivíduo experimentou, mas... se ajustam muito melhor ao modelo de um evento filogenético...'*. Também disse da *herança arcaica*<sup>2</sup> considerando que *'...esse problema levanta a questão de saber sob que forma a tradição operante na vida do povo se apresenta, questão que não ocorre nos indivíduos, visto que aí é solucionada pela existência inconsciente de traços mnêmicos do passado (p114)'*. *'Em minha opinião, existe, a esse respeito, uma conformidade quase completa entre o indivíduo e o grupo: também no grupo uma impressão do passado é retida em traços mnêmicos inconscientes... (p115)*. Sua preocupação com o tema é antiga: No *'Totem e Tabu'* (1913), texto onde pretendeu apontar as origens da Cultura, assinalou: *'Ninguém pode ter deixado de observar, em primeiro lugar, que tomei como base de toda minha suposição a existência de uma mente coletiva*<sup>3</sup>*, em que ocorrem processos mentais exatamente como acontece na mente de um indivíduo. Em particular, supus que o sentimento de culpa por uma determinada ação persistiu por muitos milhares de anos e tem permanecido operativo em gerações que não poderiam ter tido conhecimento dela. Supus que um processo emocional, tal como se poderia ter desenvolvido em gerações de filhos que foram maltratados pelos pais, estendeu-se a gerações novas livres de tal tratamento, pela própria razão do pai ter sido eliminado. Devo admitir que estas são dificuldades graves e qualquer explicação que pudesse evitar pressuposições dessa espécie seria preferível (p187)*. Continua: *'Quais são as maneiras e meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte?'*(p187). Logo adiante: *'...pois a psicanálise nos mostrou que*

---

<sup>1</sup>Paradigma, para Kuhn (1978) é a maneira como uma teoria se propõe a resolver algo aceito como problemático pela comunidade científica. O termo refere-se tanto ao problema como a solução (a teoria). A palavra 'paradigma' foi cunhada por Platão e ainda é usada com um sentido que lembra *metáfora*, junto com *sintagma* que lembra metonímia.

<sup>2</sup>Sem se referir a palavra *mito* ou a *arquétipo*.

<sup>3</sup>Interessante que o texto onde estão estas idéias, por vez primeira na obra de Freud mas fundamentais na obra de Jung - *Totem e tabu* - tenha sido escrito durante a ruptura de ambos, que se prolongara de 1912 a 1914, conforme Grosskurth (1992).

*cada homem possui, na atividade mental inconsciente, um aparelho que o capacita a interpretar as reações das outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos (p188)'.*

Este problema comunicacional - a solução deste novo paradigma psicanalítico - foi a tarefa *inconscientemente* legada por Freud a seus seguidores: Klein adentrou o fenômeno identificatório e apontou um mecanismo - identificação projetiva - com potencial de responder a pergunta de Freud. Lacan postulou o *Inconsciente* como organizado tal uma *linguagem* e tentou descrever a *gramática* das identificações com os recursos da lingüística estrutural da época. Quaisquer deles recusou a simples herança biológica, com o sentido lamarckiano<sup>1</sup> do termo de que sabemos Freud adepto. Jung esteve as voltas, a sua maneira e ao longo de toda sua vida, com o mesmo problema no conceito de *arquétipos*. Bion, no *Experiência com Grupos (1961)*, tentou explicar numa teoria como as doenças físicas tinham representação mental e grupal e que peculiaridades de dados grupos permitiriam identificá-los como mais propensos a dadas doenças! Demais, toda sua obra está engajada na comunicação no par analítico. É notável como os autores estão *inconscientemente* às voltas com o problema da gramática das identificações mediada pelos vínculos inconscientes. Mannoni (1991, p12) estudando as diferenças entre *intervenção* e *interpretação* resvalou para o problema da análise muda - da comunicação que se dá e que não envolve as palavras - e o que segue é o seu texto:

*'Freud hesitou durante muito tempo diante deste gênero de questão, mas a propósito de um outro problema. No Inconsciente, de 1915 (p194 da Standart Edition, tomo XIV), ele escreve: É notável que o inconsciente de um ser humano possa reagir sobre o do outro, sem passar pela consciência. Somente que ele faz em seguida uma reserva: Isto resta ser provado, diz ele. Ele está confuso, mas ele assegura que, em termos descritivos, é inegável. Todavia, diz ele, se o fato é inegável ele não é, apesar de tudo, aceitável teoricamente. ...A telepatia continua sendo, portanto, uma ilusão, mas sabemos explicá-la? Efetivamente, Freud, nesta época, já havia feito inúmeras sessões 'de análise' (muda) diante da estátua de Moisés de Michelângelo. Ele deveria portanto, saber mais sobre as análises mudas, pois Moisés, certamente, só podia calar-se, e ali havia, verdadeiramente, poucas chances de ter havido alguma troca entre o inconsciente de Moisés - nem mesmo de Michelângelo - e o de Sigmund. Nenhuma telepatia possível, no caso de Moisés.*

Quando Mannoni estuda a diferença entre interpretação e intervenção está estudando a diferença entre as *palavras* como *palavras*

---

<sup>1</sup>Lamarck sustentou a transmissão hereditária - genética - dos caracteres adquiridos pela influência do ambiente.

e as palavras como atos de fala, portanto transcendentais ao seu significado conforme a entrada dos dicionários, entre palavras que se dirigem a memórias da casa do *ser* e palavras ditas ao *ser*. Mas note-se a busca pelo mecanismo da *comunicação imperceptível* e, sobretudo, a lembrança de Moisés, que também remete ao texto<sup>1</sup> onde está depositado o paradigma, a última herança de Freud. Isto é, *por que gramática, porque mecanismos, como se dão os fenômenos identificatórios?* Nosso estudo diz respeito ao *conceito de pessoa*, de *espaços psíquicos*, buscando na clínica os fenômenos egóicos que sustentam os processos identificatórios<sup>2</sup>, qual a forma<sup>3</sup> e através de que substância<sup>4</sup> se dão as identificações? Que sistemas de codificação, normas, sintaxe, medeiam os processos identificatórios e, no laboratório dos tratamentos analíticos, a contra-transferência? E, nos grupos, a Cultura?<sup>5</sup> Antes de mais, admitimos que é óbvio que a psicanálise desvela e se ocupa de um fenômeno comunicacional que deve ter sua função nos vínculos humanos. Então, abordaremos sumariamente as seguintes hipóteses:

*Os modelos de compreensão do paciente são construídos ou escolhidos na mente do analista por comunicação imperceptível e devem ser examinados pelo analista como elementos contra-transferenciais e transferenciais, como memórias encobridoras.*

*A função do erro em psicanálise, isto é, o erro como equivalente de contra-identificação do analista é uma necessidade vincular e é o evento terapêutico em psicanálise.*

*Aspectos da comunicação imperceptível manifestos como interferência da Cultura e geradores de modelos 'científicos'.*

## Material

---

<sup>1</sup>Embora Mannoni esteja referindo-se ao texto de 1914 - *Moisés de Michelangelo*, escrito logo após o *Totem e Tabu!*

<sup>2</sup>O tema da constituição da mente e o processo identificatório tem sido objeto de muitos autores mas poucos o explicitam tão claramente como Liberman e Labos (1982).

<sup>3</sup>*Forma* e sintaxe para o presente estudo é o mesmo. Isto é, refere-se a maneira como a mente (o **mundo 2**) pode inatamente ou inatamente e culturalmente (culturalmente, significa 'com ajuda do **mundo 3**', o mundo dos conhecimentos que está depositado na Cultura e nas bibliotecas), **organizá-lo**. *Forma* refere-se a estas normas, a estas estruturas que se definem intuitivamente (inatamente) pelo *sentido*.

<sup>4</sup>*Substância* refere-se aos elementos do real, isto é, aos elementos do **mundo 1** de Popper (1977) sobre os quais possa agir o **mundo 2**, a mente, dando-lhes sentido. Por exemplo, a linguagem tem uma *forma* mas várias substâncias. Na fala, a substância é fônica, na escrita é gráfica (visual), para os surdos mudos é gestual (visual) e para os cegos é tátil. A definição deste termo bem como o de *forma*, tem ocupado toda a filosofia. Inicia na dualidade Platônica, continua-se no *Ergon* e *Energeia* Aristotélicos e, como preferimos, repete-se em Popper! Interessa-nos portanto definições operacionais. *Coisa* é um termo aristotélico, realista, mundo das *coisas* em si que só seria explicitado como tal mais tarde pois teve de aguardar a necessidade de seu conceito como idéia, como conceito, na mente das pessoas. Substância na tradição aristotélica é o que há de permanente nas *coisas* que mudam, a base sempre idêntica das sucessivas qualidades resultantes das transformações. É aquilo que existe por si mesmo, sem ser qualidade ou atributo de outro ser.

<sup>5</sup>Os mitos, os arquétipos e as superestruturas.

Apontamos três exemplos em que se passa algo com o terapeuta, como no primeiro caso que fica convencido da veracidade de uma teoria, ou no segundo, quando tem sensações táteis e de repente nasce-lhe a convicção que foi atribuída a uma vivência do paciente e depois confirmada. Garantimos que é suficiente alguma experiência para que estes fenômenos se multipliquem em milhares. Não temos dados sobre como se deu o processo no primeiro caso, mas o fenômeno da transmissão da informação, aparentemente, foi apreendido no segundo. Trata-se do uso de uma função lingüística, o uso das implicaturas conversacionais de Grice (1982), isto é, uma categoria comunicacional em que o uso da fala gera sentidos que não podem ser atribuídos ao *estritamente dito*. A fala, interagindo com o contexto é que gera o sentido que a intenção (ou a inconsciência, para nós) do falante deseja emitir, comunicar. A decodificação exige o pareamento dos *contextos possíveis* com o que está sendo *dito*. No caso, o inconsciente do analista decodificou o evento - que permaneceu inconsciente - mas começou a ter sensações - representação de coisa - ou ações (como proteger empaticamente a paciente) até que a tradução fosse conseguida. Rigorosamente admitimos que houve *erro* na função analítica, pois evidentemente a informação já estava codificada no material. O *conteúdo* abandonou a *representação de palavra* e reassumiu a *representação de coisa*. Será então que não há verdade em se admitir a contra-transferência como falta de análise do (no e pelo) analista? Certamente, mas a elaboração no analista se dá pela representação de coisa. Em pacientes com a função materna muito prejudicada, como no nosso terceiro caso, a função terapêutica é dependente da *representação de coisa*<sup>1</sup> no terapeuta e a *representação de palavra* só é conseguida, se o for, posteriormente.

*O primeiro caso (K) exige alguns adendos sobre a estrutura do atendimento. Trata-se de um jovem, curso superior, bem sucedido com as mulheres, que buscou atendimento por um vazio e desânimo manifestamente relacionados à existência de familiar com doença crônica e a ampla diáspora familiar. Foi acompanhado por longo tempo, ficou uma ano sem atendimento e, no retorno, foi atendido mais dois anos com uma sessão semanal. O caso foi supervisionado sistematicamente meses e o contraste com o atendimento posterior, sem supervisão, teve significativa parcela na gênese das idéias aqui*

---

<sup>1</sup>Não achamos que seja o mesmo falar de *função alfa* e *elementos beta*, ou de *ilusão* e *reverie*. Operacionalmente trata-se de *representação de coisa* e *representação de palavra*. Note-se, no texto adiante, a conexão que há entre *passar um cachorro 'actuado'* em que se fica com um cachorro no colo conforme a representação de coisa e a representação de palavra equivalente: *mentir*. Este modelo é simples, clínico e claro, embora o acima referido dê conta das mesmas questões, claro.

*vertidas*. O material de K correspondia ao modelo de Meltzer (1966, 1967), quando o paciente passa longos períodos necessitando do analista como seio-latrina, com uso dominante da identificação projetiva, até tornar-se, por identificação com a função do analista, capaz de conter suas partes cindidas, mais especificamente, seu sadismo oro-anal (Klein, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931). O analista funciona como uma *usina para tratamento de efluentes*. K combinava grande necessidade de se aproximar do analista, fisicamente inclusive, ora acompanhada de *intrusividade* ora de curiosidade, com funcionamento sistematicamente paranóide e o tema era ciúmes, traição e cena primária. Aparecia relatos como *atendeu o telefonema de um amigo enquanto evacuava e ficava ali, sentado no vaso sanitário aguardando para não soltar... enquanto telefonava, se segurando!* Recém terminara seu curso superior, ficou dois anos desempregado e conseguira apenas trabalho subalterno e era sustentado<sup>1</sup> por um familiar. Quando retornou para tratamento com as mesmas queixas do início e com problemas relativos ao casamento, ficou evidente que desejava repetir o modelo do atendimento anterior. O tema da *usina de tratamento de efluentes* reaparecera e fiquei intrigado se deveria interpretar o material como já o fizera pois seu discurso me parecia falso. Ele retornara de fato porquê? Tinha impressão de que queria, sentia a necessidade da repetição de uma unidade, como se desejasse que eu repetisse tudo o que ele dissesse, que ocorreu nas suas primeiras sessões desta retomada e acompanhado de algo sinistro. Como se houvesse uma culpa a respeito do tratamento anterior, como se tivesse me traído? Mas seu problema atual eram as dificuldades com o casamento e comecei a achar que, de fato, seu material era abordável pelo modelo acima. Combinamos o que era possível. Tudo se passava igual, muita identificação projetiva, temor ao abandono, piora da asma, imposição de dependência à esposa para controlar o ciúme, a questão da falsificação, até que K faltou a uma sessão e, na seguinte, explicou que *teve um problema no carburador do carro, que ficou na rua e sequer pode me avisar*. Depois, expressando ansiedade maníaca, informou que *surgiu uma grande oportunidade de negócios, vai trabalhar na venda de óleos especiais que permitem uma melhor fluidez... (gesticula desenhando um tubo grande) e que a grande vantagem é que na saída... não se acumulará resíduo e o... sairá sem*

---

<sup>1</sup>Nesta época a supervisão foi-se tornando difícil, sentia-me criticado e, mesmo a solução que tinha dado de fazer tudo à risca, parecia-me recebida como um 'bom desenvolvimento da arte de enganar'. Então, o supervisor, num momento com dificuldades com a luz, dispôs a lâmpada de maneira tal que, focando meu rosto, dificultava a leitura. Sua lâmpada ficava presa na mesa, mas com a luz desviada para a frente, não dirigida à folha de papel, com a intenção de também melhorar minha leitura. Era evidente que ele não estava conseguindo 'ver' algo e 'actuava' sua dificuldade, tentando melhor 'iluminar' minhas idéias. Três anos depois, meses após o retorno de K para tratamento, descobri que, independente de cada peculiaridade com seu valor intrínseco, estes eventos fariam sentido se fossem entendidos da perspectiva 'actual' do paciente a partir de seus novos aportes de material. Pois a 'actuação' metaforizava o conteúdo cindido.

*deixar rebarbas... trata-se de uma grande descoberta!* A descrição de sua máquina e a eficiência do fluído correspondiam exatamente a um enema<sup>1</sup>. Quem sabe se não estava com mais capacidade para organizar seu material persecutório representado pela massa fecal nos intestinos? Ou terá sentido falta do meu fluído (leite-esperma) e assumiu minha função? Intrigado, perguntei-lhe *se alguma vez já se submetera a um enema*. Disse-me que *não, mesmo quando criança, não*, e estávamos num impasse e minha função no momento era evitar arrancar-lhe alguma memória humilhando-o como quem se submete a um enema. Expliquei-lhe *sua descrição... e que eu pensava que esclarecer isso deveria ser importante...* Ficou pensativo e logo, transtornado, disse-me que, *na tarde da sessão que faltara tivera de fazer um enema no...* Ficou assustado em ver *como poderia rearranjar as coisas de seu mundo para me falar delas desse jeito estranho*. Pela primeira vez fiquei com a impressão que descobrira a existência de um mundo interno real. Insisti que isso aparecia muito no que me falava e perguntei (novamente) sobre masturbação anal porém negou mas disse que *nos últimos anos, diariamente, cuidou de um problema anal de um familiar...* Ele *ficava de quatro na cama ou na sala em pé mas inclinado e ele, segurando<sup>2</sup> uma lâmpada...* Confirmou que isto freqüentemente se relacionava com seu *absenteísmo e que nunca tinha me falado isso porque achava que não era importante, mas não entende porquê*. Depois, as vezes, aparecia com uma sinédoque: *foi ...instalar uma lâmpada, confirmando que reexaminou... ou comprou sabonetes...* Mas conseguiu que ele fosse ao proctologista e pediu que eu o examinasse. É uma pessoa<sup>3</sup> com intensas preocupações com os objetos terríficos que sente ter dentro do corpo e que são expulsos diariamente, se não for assim, entra em pânico. K evoluiu<sup>4</sup> satisfatoriamente.

---

<sup>1</sup> Na verdade, o paciente tinha uma notável capacidade simbólica: isto é o que Bion chamou de transformação em moção fixa.

<sup>2</sup> E a lâmpada, como é que emergiu no conteúdo da relação com o supervisor? Possivelmente tal ocorreu porque esse material não foi entendido pelos sistemas formais freudianos (formações substitutivas) e acabou distorcido, gerando o uso de um modelo que depois ainda precisou ser 'actuado' - representação de coisa - pelo par supervisor-supervisionado e ficou na mente do analista como um problema aguardando solução. O próprio trabalho de Meltzer (1966), no estudo *masturbação anal e identificação projetiva* é freudiano por excelência. Parece-nos que, neste caso, esta peculiar maneira comunicacional precisou ser gerada porque o analista e o supervisor não deram espaço nas suas mentes - as representações de espera já estavam ocupadas, saturadas, por um modelo (mal-usado, aliás) - para a explicitação do conteúdo da ansiedade do paciente. Mas o modelo *científico* escolhido, gerado, correspondia ao conteúdo cindido. *A real tarefa do psicanalista é explicar como é que isso acontece! Trata-se de uma tarefa comunicacional*. Quem sabe se não estamos aqui diante de um dos motivos da recusa de Freud e Klein em aceitar o desenvolvimento de uma teoria da contra-transferência? Só precisamos usá-la se não entendemos o material como pesquisadores do tempo, do espaço e de seus modos, (sintaxe) de representação na mente! Parece-nos que também a concepção lacaniana sobre a transferência apoia esta idéia. As coisas emperram no momento que o analista passa ser o dono de um desejo. Mas e não terá sido justamente o engano com a vivência (actuação), representação de coisa que é o que funda a contra-identificação, que permitiu a função terapêutica do caso?

<sup>3</sup> Conforme Bion, de fato, esse material nunca foi inconsciente e precisamos de uma teoria da consciência!

<sup>4</sup> Resgatou parcialmente a 'experiência interna de estar vivo' mas evidentemente precisaria de mais tempo de tratamento do que seu funcionamento esquizo-paranóide permitiu. *Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas*



Nosso segundo caso (L) é uma jovem com 28 anos que, com o noivo aguardando na sala de espera e com a fala entrecortada e inspirando muito cuidado, segredou que *tinha vaginismo*. Atencioso perguntei por isso, pensando que vaginismo, como estava sendo informado por uma especialista, fosse dor ao coito por 'espasmo doloroso da vagina' mas me disse que *nunca tivera relações, que jamais permitiu a penetração, que não sabia porquê tinha isso, estava convencida de que a origem era psicológica. Já tinha se tocado - fez dedos de parteira - e não tinha alteração anatômica alguma. Namorava há anos e não conseguia ter relações, tinha orgasmo ao toque mas só a idéia da penetração já a deixava em pânico*. Meses mais tarde, em retrospecto, percebi que seu discurso tinha algumas lacunas que devem ter ocupado minha mente. Devo ter continuado pensando e me perguntado o seguinte: Como uma especialista errou tão gravemente o diagnóstico a ponto de confundir *coitofobia* com *vaginismo*? Notei que minha orientação cognitiva<sup>1</sup> para o caso supunha a existência de um evento traumático. Então porquê ela ter-se-ia tocado para diagnosticar coitofobia? E se ela nunca teve penetração, como se tocou? O quê de fato ela quis dizer com isso? As lacunas do discurso provavelmente levaram meu inconsciente a sustentar a seguinte hipótese que emergiu visuo-tátilmente mais tarde. L tinha a experiência de um 'espasmo doloroso da vagina com óbvia origem traumática'. Ao longo das sessões ficava intrigado com a sensação tátil de estar com um animalzinho assustado no colo. Não poderia ser uma *gatinha*, pois não tinha unhas. Talvez uma *coelhinha*, um animalzinho herbívoro assustado com os predadores... Mas o quê tornava o fenômeno tão intenso? O desejo de vir à luz, a função comunicacional, portanto que permitiria *desobturar* sua elaboração? Seus relatos eram cirúrgicos: histerectomias, cesáreas de urgência, mastectomias radicais e elas só aumentavam com interpretações do tipo 'estás assustada com a proximidade... com o tratamento...', até que tive a nítida impressão que ela estava sendo operada mas, não sei de onde surgiu, apareceu-me a convicção que a cirurgia era sobre a genitália externa e não interna como predominava na sua fala. Repeti-me dizendo que *sentia sua proximidade comigo como uma cirurgia, como se ela estivesse sendo operada, não no abdome, mas na vulva, na vagina*. Lívida, relatou que *...aos oito anos foi operada com anestesia local, lembra-se de estar na mesa ginecológica, que suas pernas não alcançavam direito o apoio na mesa ginecológica, a mãe não estava... lembra da sensação de medo e muita humilhação e depois uma dor muito forte, acha que ele já cortou ao anestésiar e*

---

*experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos (Campbell, 1988)*'.

<sup>1</sup>Refere-se a maneira como conscientemente modulava minha fala e meus gestos evitando assustá-la ainda mais. O titubeio na sua fala e o entrecortado de seu discurso também revela, por deslocamento superior a fobia a penetração.

*muito sangramento. Depois estava de pé, não conseguia olhar para ninguém. Suas pernas estavam roxas e frias e se lembra bem das pernas, o resto não lembra, pergunta se decerto não era porque só olhava para o chão...* Algum tempo depois iniciou sua vida genital. O caso tem outros complicadores que adentram a pré-genitalidade, diferentemente do problema fálico-genital, Breuer-freudiano ora posto. Há estabilidade na maneira de vazamento de sentido no pré-consciente, isto é, na maneira como se organizam as formações substitutivas, no caso, dentro do discurso do paciente: A expressão *'acha que ele já cortou ao anestésiar e muito sangramento'* remete a outro procedimento, este obstétrico e não àquele que ela teria vivido. Durante o parto a anestesia da vulva e a episiotomia é feita aproveitando-se as contrações uterinas e, durante uma delas, pode-se fazer a episiotomia enquanto se anestesia. Isto é, ela está falando de um parto, de como teve de parir precocemente. A expressão *lembra-se de estar na mesa ginecológica, que suas pernas não alcançavam direito* também aponta para pseudomaturidade.

*Nosso terceiro caso (M)* corresponde ao fragmento de sessão de uma paciente *borderline* manipuladora, absenteísta, que vivera momentos muito difíceis nos últimos meses e fora, de fato, muito ajudada pelo tratamento. No dia da sessão telefonou uma vez para avisar que não viria, dois minutos após avisou que talvez fosse à sessão para finalmente, cinco minutos depois telefonar e dizer que viria e, então, chegou com 30' de atraso, 'espavorida' dado o esforço que teve de fazer para vir a sessão e explica - sem ser convincente, como de hábito - o atraso e o 'espavorida' pragmaticamente dificulta o exame dos atrasos ao facilitar seu 'espelhamento' e deixa apenas 15' para o trabalho. M impõe um estado de alerta pois registra como rechaço e 'espelha' (inverte) qualquer interpretação o que o obriga a sentir-se na sua função apenas a partir de recursos internos, premido pela impressão de atender um caso perdido. M tem uma tentativa de suicídio grave e *dezenas* de abortos que terminaram em histerectomia. De repente sinto-me brincando com meu cachorro que está alegre e pula no meu colo e sinto inclusive seu cheiro. Fiquei pensando no que isso significava quando, para minha surpresa, M relata que sua mãe (paranóica que há pouco esteve hospitalizada) *acordou-a na madrugada porque tinha um cachorro comendo e virando a comida em cima do guarda-roupa e não conseguiu convencê-la que de fato não existia e ainda pela manhã ela persistia com essa idéia*. Achei notável o relato deste evento depois do que recém sentira. O exame da situação mostra que M tem passado muito cachorro: Falta às sessões, está com o pagamento atrasado, manipula... Além disso, tem comido e virado o cocho. *Cachorro,*

segundo o *Aurélio*, no brasileiro popular, significa *muito mentiroso*. *Cachorro* aqui é uma metáfora do óbvio.

## Definições e comentários

Uma vez colocados os problemas, tentaremos sumariamente delimitar algumas idéias que são extraídas de circunstâncias como as acima descritas. Comunicação Imperceptível é o termo escolhido para a troca ou intrusão de memórias (pensamentos, idéias) entre pessoas sem que este seja o desejo explícito entre os participantes - isto é, este não é o motivo convencional e conscientemente aceitável da conversa das pessoas - e sem que os participantes percebam a troca comunicacional que está ocorrendo. A percepção do que aconteceu exige, para o critério do que seja comunicação imperceptível, elaboração posterior. Parece-nos que as estruturas abaixo da *linha divisória* têm a conduta (motricidade) mais liberada de acordo com dados da comunicação imperceptível. Suspeitamos também que as estruturas 'psicopáticas' tenham acesso a aspectos da metacognição da comunicação imperceptível que lhes permitem usá-la com algum grau de consciência do que fazem. A diferença entre comunicação imperceptível e identificação projetiva é que a segunda envolve a porção nuclear<sup>1</sup> do ego, o que pode não ocorrer *necessariamente* com a comunicação imperceptível, além do que e, principalmente em termos descritivos, comunicação imperceptível delimita um fenômeno e não se refere aos processos subjacentes. Comunicação imperceptível refere-se a uma capacidade comunicativa egóica, não a um mecanismo mental inconsciente a serviço do ego, ou a uma fantasia inconsciente. Quer isso dizer que a identificação projetiva intrusiva pode lançar mão da comunicação imperceptível para invadir o ego. Interessa-nos denominar comunicação imperceptível como tal porque enfocamos os processos, os modos como se dá a comunicação, faticamente. Vazamento de sentido no pré-consciente é a expressão escolhida para apontar que o pré-consciente gera sentido, isto é, formata, dá novas formas a determinados conteúdos, que são recodificados, permitindo que o sentido vaze pela *gramática da comunicação imperceptível* para o mundo externo, em ações sobre objetos, incluindo pessoas, que ficam muito tempo, às vezes, na espera de um tradutor. A indistinção sobre o fim ou a nova forma do conteúdo não nos permite falar em repressão, forclusão ou mesmo, formações substitutivas, termo que usamos sem maior comprometimento pelo seu imenso potencial explicativo. Interessa-nos as *regularidades estruturais, a gramática* - o conjunto de

---

<sup>1</sup>Isto é, 'o motorista do automóvel', numa metáfora de Sandler (1987).

regras - usada pelo pré-consciente, daí a escolha<sup>1</sup> desta expressão. Modelos de compreensão do paciente diz das regras, organização, da forma que intuitivamente criamos ou escolhemos para compreender, para dar sentido à estrutura ou ao momento psicológico em estudo. Função do erro em psicanálise refere-se à função vincular de aceitarmos como correto dado modelo de compreensão. É a função da *refutabilidade*<sup>2</sup> do analista que determina a relatividade dos modelos, mas, por outro lado - e segundo nossa hipótese - só a aceitação de um determinado modelo como verdadeiro pelos parceiros é que é capaz de criar o vínculo propriamente dito, e a função terapêutica decorre da *refutação* do modelo com suas implicações criativas. 'Actual' é o termo escolhido para se referir à representação atuada. Desejamos retirar o sentido catastrófico-técnico dado a expressão 'atuar' e preservar sua função comunicacional. Naturalmente, se o analista atua - no estrito sentido de que, por *conflito*, substitui o *pensamento* pela *ação inconsciente* - está fora de sua função básica. O problema consistirá em saber, a partir da definição da função do erro em psicanálise, o quanto e como ele retornará a sua função com a interpretação (intervenção). E o quanto e como ao recusar-se a 'actuar', não estará atuando no sentido próprio (catastrófico-técnico) e o quanto e como retomará sua função com a interpretação (intervenção).

Memória encobridora (*lembranças encobridoras*) é termo utilizado por Freud (1898, 1899) para a situação de um esquecimento em que, ao invés do nome ou evento esquecido, surge na consciência com grande vividez sensorial, de forma ultraclara, a imagem de algo que, mesmo aparentemente irrelevante, sem importância, esta relacionada com o elemento esquecido. '*...Essa idéia... quase uma alucinação ... corresponde à fantasia... ...uma recordação... cujo valor consiste no fato de que representa na memória impressões e pensamentos de uma data posterior, cujo conteúdo é ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes pode propriamente denominar-se lembrança encobridora (p346-7)*'. '*O Senhor projetou as duas fantasias uma na outra e fez delas uma lembrança infantil. As flores alpinas constituem um indício, marcando a data da elaboração. Posso assegurar-lhe que as pessoas,*

---

<sup>1</sup>Como estamos preocupados com fenômenos descritivos permitimo-nos tais misturas conceituais pois a rigor não se poderia falar de identificação projetiva e pré-consciente no sentido estrito, pela mesma razão que não podemos falar de cisão e repressão - num mesmo modelo, num mesmo aparelho e num mesmo tempo - como esta implícito na terminologia referida. Trata-se de modelos diferentes e com potencial explicativo para problemas diferentes.

<sup>2</sup>A discussão sobre o erro seria muito extensa. É preocupação da maiêutica socrática com a descoberta do *logos* (conceito) do ser dos valores morais (qual o conceito de justiça?) pois Sócrates acreditava que se descobríssemos esse *logos*, conseguiríamos que todos os homens fossem bons! Da dialética platônica que buscava a *idéia*, palavra que Platão criou a partir de uma raiz grega que significava *visão*. O erro ficou bem definido em Aristóteles que criou a *lógica* a partir da dialética platônica. O que não é lógico é errado. As coisas se complicaram muito a partir da intuição cartesiana até Kant que Wittgenstein tomou no 'o que é pensável é possível... não podemos pensar nada ilógico...'. Em psicanálise a definição de erro é dogmática, ideológica e cismática e assim acabou sendo porque sabemos das nossas 'dialéticas', 'lógicas' e 'maiêuticas' particulares que criamos por razões inconscientes. O dogmatismo, não implicando necessariamente a recusa do novo, é bastante aceitável pois fixa a fonte de conhecimento na experiência vivida, algo fundamental em psicanálise.

*com freqüência, constróem tais coisas inconscientemente - quase como trabalhos de ficção (p346)'. O indicativo contra-transferencial que Freud aponta para o fenômeno: vividez sensorial. Pois assim pensamos as nossas teorias e nossos modelos psicanalíticos, o que fazemos é utilizar com sentido clínico a crítica amarga que Freud faz das suas hipóteses, suas teorias científicas, no caso Schreber. Que as teorias possam ser projeções de fantasias inconscientes é conhecido de há muito e, segundo Segal (1964-1982) só a estreita relação entre fantasia inconsciente e a estrutura do aparelho psíquico é que permite a ação do método psicanalítico. É sobejamente conhecido que, para os kleinianos, os mecanismos de defesa são fantasias inconscientes e só por isso são passíveis de reestruturação.*

Da observação de K infere-se que o material comunicacional, na ausência de sua desobturação vai-se transformando em ações, em realidade - *o inconsciente constrói a realidade* - pois de representação de palavra o conteúdo retransforma-se em representação de coisa. Temos então o primeiro princípio: *O material se não for compreendido<sup>1</sup> deslocar-se-á no sentido da indiferenciação, isto é, no sentido da realização concreta da 'memória reprimida' de modo que na falta da compreensão tornar-se-á realização.* Da observação de L e, talvez, da de K nota-se o uso da linguagem, apoiada em recursos para-verbais para a transmissão de memórias tão definidas e com sistemas de transporte diferentes mas específicos a cada pré-consciente. O material de K é metafórico enquanto o de L é pragmático - o uso inferencial da linguagem que vale pelo que não é dito e não pelo conteúdo semântico do discurso. Daqui um segundo princípio: *No tempo, o material no pré-consciente, se imediato terá organização semântica* - por isso K não veio à sessão no dia do enema - *se no passado recente, a organização será metafórica-metonímica e se no passado remoto será pragmática e, se no momento da constituição do aparelho psíquico será semiótica, em ações como no caso de M.* Das três observações retiramos um terceiro princípio. *A forma do material como acima abordada é específica ao sistema cognitivo que codificou o material e o predomínio de um sistema cognitivo é o que nos permite o diagnóstico psicopatológico mas cada um de nós tem material correspondente à vários sistemas cognitivos.* Deste emaranhado de questões, da maleabilidade do uso dos códigos e da multiplicidade de combinações comunicacionais - semântico-pragmático-semióticas - retiramos um quarto princípio. *A transmissão da informação inconsciente embora se utilize de informações digitais ela mesma não é digital, é analógica, não existem códigos, ela funciona, por exemplo, como um termômetro em que o calor dilata o mercúrio,*

---

<sup>1</sup>Compreensão para o caso significa conectar, vincular na mente do analista a representação de coisa com a representação de palavra.

*dependendo portanto da experiência vivencial do analista. E, finalmente, um quinto princípio. Psicanalizar significa semantizar, em oposição a semiotizar e a pragmatizar. Todas estas idéias estão fundadas num suposto freudiano básico: As pessoas sempre estão comunicando, emitindo informação, memória em muitos níveis, sempre na busca de receptores decodificantes.*

### **A Comunicação Imperceptível, a Cultura e interferências na criação de modelos científicos: De Aristóteles a Freud**

Todos admitimos que a base da *Cultura* para Freud, conforme *Totem e Tabu* (1913), está fundada no *Complexo de Édipo*<sup>1</sup>. Pode-se dizer, é a condição *sine qua non* da psicanálise, ele a define<sup>2</sup> e dá o colorido humano nas suas nuances. O problema parece ser o *Complexo de Castração* ao qual o *Édipo* está, na teoria freudiana, indissolivelmente ligado. Dizemos que ele é a função interditória e normativa do *Complexo de Édipo* e relacionada a definição da fase fálica da evolução libidinal. É ele que introduz o menino na latência ao interditar-lhe a mãe e, levando-o a introjetar a figura paterna, funda o superego. Na menina, o *Complexo de Castração* leva-a a desejar o pênis paterno introduzindo-a no *Complexo de Édipo*. Não se pode, portanto, com Freud, dizer de *Complexo de Édipo* sem dizer de *Complexo de Castração*. Não se ingressa no *Édipo* sem passar pela crise da *Castração*, não há *Cultura*, portanto, sem o *Complexo de Castração*. Quaisquer dos dois complexos referidos são experiências universais na clínica psicanalítica mas que têm sido reinterpretadas de várias maneiras. Como sabemos, para uns está relacionada ao desmame, para outros ao nascimento e sua universalidade nas análises impõe para os causalistas, deterministas a necessidade do encontro de experiências reais vividas que o expliquem. Freud no argumento posto na sua pergunta assinalada na introdução deste estudo: '*Como teria persistido na mente do povo judeu que um dia possuíram um pai primevo e o assassinaram?*' esta atrás desta resposta. Embora diga de fundamentos do *Complexo de Castração* em experiências orais e anais, Freud quer reservar o termo - *Complexo de Castração* - para a experiência imaginária da perda do pênis. Note-se que com o seu conceito de *Posteridade* (ressignificação) relaciona-o com outras fontes de ansiedade, mas então *elimina* da teoria freudiana as teses reducionistas - deterministas, causalistas - que buscam sempre mais e mais no passado explicações para o presente,

<sup>1</sup>Malinowski (1927) no seu texto básico aponta que o *argumento* de Freud fundando a gênese da *Cultura* no *Édipo* - parricídio e castração - é *circular* pois é necessária a existência da *Cultura* para agrupar os filhos como irmãos para juntos assassinares o pai.

<sup>2</sup>Como *Ciência Natural* para Freud ou como hermenêutica, historicidade, para a contemporaneidade.

para o atual, pois com o conceito de posteridade a memória, de linear passa a ser circular. Mas, no final, Freud acaba por sustentar que o *Complexo de Castração* e o *Complexo de Édipo* são profantaisias, preocupação última de sua vida, no *Moisés e o Monoteísmo*<sup>1</sup>. A história - recentemente demonstrada (Grosskurth, 1992) - da psicanálise mostrou-nos que os motivos para as duas primeiras cismas - com Adler e Jung - foi a importância da libido e que, uma vez introduzida a *destrutividade* no corpo teórico da psicanálise, o motivo das rupturas se deslocou para a aceitação ou não do *Complexo de Édipo* como o *primum movens* do humano. Rank - junto com Ferenczi - foi o primeiro a deslocar o nó górdio e reinterpretar o Édipo a partir do trauma do nascimento o que lhe custou a impossibilidade de exercer a psicanálise a partir de 1930. Klein esteve em palpos de aranha ao priorizar, na sua teoria, a posição depressiva (Klein, 1934, 1940).

Veremos sumariamente o exame da teoria da castração de Freud a partir de Chasseguet-Smirgel e, a seguir, a questão da relação dessas comunicações entre pares com a comunicação inconsciente das pessoas com a cultura que era a preocupação última de Freud. Apontaremos como era semelhante, na base, a concepção aristotélica da sexualidade com a concepção que Freud descrevera como presente no inconsciente.

*'Penso efetivamente que a base da realidade não é somente a diferença dos sexos, mas o que lhe é absolutamente correlato como o são as duas faces de uma mesma medalha: a diferença das gerações. A realidade não é que a mãe seja castrada, a realidade é que a mãe tem uma vagina que o pênis do menino não saberia completar. A realidade é que o pai tem um pênis e prerrogativas que não são senão virtuais no menino. A negação da ausência de pênis na mãe recobre a negação da presença de sua vagina. Se a visão dos órgãos genitais femininos é tão 'traumatizante', é porque ela confronta o pequeno macho com sua insuficiência, porque ela o obriga a reconhecer o seu fracasso edipiano... Podemos nos indagar aqui em que medida toda a concepção do Édipo masculino, tal como ele se exprime em Freud, não deveria se submeter à revisão (tentativas muitas vezes realizadas). Nesta perspectiva, afirmar que no momento do complexo edipiano o menino não terá nenhum desejo de penetrar em sua mãe (não tendo nenhum conhecimento, mesmo inconsciente, da existência da vagina) me parece ratificar as defesas masculinas em geral e as dos perversos em particular. (Chasseguet-Smirgel, 1992, p21).*

---

<sup>1</sup>Para Freud, inclusive as psicoses, incluídas as esquizofrenias, podem ser rastreadas ao *Complexo de Castração*, que origina tanto a *desmentida* como a *desestimação* como defesas. Praticamente toda sua obra gira em torno do tema. No presente resumo nos utilizamos da sistematização de Laplanche e Pontalis (1988).

A autora assinala que há algo a ser *revelado*<sup>1</sup> no material clínico que observamos - Complexo de Édipo e Complexo de Castração<sup>2</sup> - e que nos aponta para a castração. Sua posição é a de que o superego ao ameaçar com a castração está protegendo o pequeno macho no seu enfrentamento da realidade, onde está desamparado. A castração, portanto não cabe numa teoria, é uma memória encobridora, um véu. Aristóteles nos seus textos *Sobre a Geração dos Animais* e *Geração e Corrupção* foi o primeiro a expressar que as mulheres concebem mesmo sem terem orgasmo e que, de qualquer modo, esse prazer feminino não seria muito freqüente. O líquido das secreções femininas não seria espermático e seria uma secreção local própria a cada mulher, o prazer clitoridiano estaria afastado do local de origem de uma possível secreção espermática, o colo do útero. E, na sua idéia de que a *função faz o órgão*, não seria admissível que algo fosse secretado para depois ser novamente absorvido, pois *a natureza é econômica*. Embora os médicos da época não tenham apoiado suas convicções, sua lógica era irrefutável. Onde estaria o esperma<sup>3</sup> feminino? Sua conclusão era que não existia. Aristóteles sustentou que *a fêmea é um macho estéril. A mulher é um macho mutilado, os mênstruos são um esperma, mas um esperma impuro e a mulher se caracteriza por uma impotência, tendo a função de operar o cozimento do esperma*<sup>4</sup>. Estas idéias nos são bastante conhecidas e são parte de todas as religiões modernas. Lembremos que por longo tempo, nos primeiros séculos de nosso milênio, os sábios discutiam se a mulher teria ou não alma.

Parece claro que se Aristóteles na sua *Metafísica* colocou o mundo das idéias de Platão, mundo este até então partilhado com os deuses, dentro de nossa cabeça, Freud colocou a sexualidade aristotélica, partilhada como o real de seu tempo, no nosso inconsciente. *Mas como as idéias podem se parecer tanto? Como podemos nós entender que Aristóteles e Freud tenham, profundamente, a mesma noção do que seja uma mulher?* Ou admitimos um argumento circular e respondemos que o inconsciente assim é, daí porque Aristóteles pensava o que Freud encontrou no inconsciente - embora Aristóteles assumisse este discurso conscientemente! - ou temos de admitir uma base comum a ambas. E, conseqüentemente, teremos de admitir que provavelmente estão a serviço de um mesmo mito. Campbell (1988) divide em quatro grupos todos os mitos conhecidos da criação - *e temos de abordar o problema da criação já que falamos de diferenças de sexos e castração*. No

---

<sup>1</sup>Desvelado, isto é, deve-se retirar o véu.

<sup>2</sup>Embora nossas dificuldades maiores, como infere-se claramente do texto é com o Complexo de Castração.

<sup>3</sup>Do grego sperma, 'semente'.

<sup>4</sup>Foi Aline Rousselle no seu estudo *Pornéia - sexualidade e amor no mundo antigo* (1984) quem introduziu o autor na idéias aristotélicas sobre a sexualidade o que, naturalmente, motivou a comparação com a concepção freudiana sobre o material presente no inconsciente.

<sup>6</sup>Impressionante a simbologia na mitologia da criação!



primeiro grupo o mundo é criado por uma deusa mãe, como no mito grego em que Geia (terra, *geo*) cria todos os demais deuses, *sozinha*. Também Anamburucu (nanã buruquê, nanã, nanamburucu) no Candomblé origina *sozinha* a todos os orixás. Trata-se de uma divindade iorubana (sudanês da África Ocidental) que vive num poço e é considerada a mais velha das mães-d'água<sup>6</sup>. Note-se que aqui só o sexo feminino é reconhecido como a origem da vida. No segundo grupo ele é criado por um *casal criador* ou então um deus (deusa) andrógino como se dá no hinduísmo e no Yin-Yang da mitologia chinesa. Yin, no taoísmo é o princípio feminino, passivo, terrestre, absorvente, frio e obscuro; com ele coexistindo o yang, o princípio masculino, ativo, celeste, penetrante, quente e luminoso. No terceiro grupo um deus macho despoja o poder da deusa, tomando-lhe o poder pela força como se dá na mitologia sumeriana. No quarto grupo, um macho *cria* o mundo! Como, principalmente, no nosso mito cristão. Javé cria o mundo em sete dias e, no final, cria o homem e só depois a mulher, mas, esta, a partir do homem. Daí a afirmação na Idade Média, no Malleus Maleficarum (Kramer e Sprenger, 1484) de que as mulheres são mais permissivas com o demônio 'porque Eva nasceu de uma costela torta de Adão, portanto nenhuma mulher pode ser reta'. O roubo da função criativa da mulher é evidente no mito cristão.

Nossa resposta para a semelhança entre o enfoque de Aristóteles e o de Freud é, como se depreende, que ambos estiveram a serviço de um 'mito. Chasseguet-Smirgel (1992), resgatou a potência feminina, recuperou o segundo grupo de mitos com sua teoria, resistindo-se a negar a cena primária, admitindo o pai, a mãe e os filhos, ao invés do pai, o filho e o Espírito Santo. A teoria da castração, portanto, nesta perspectiva, é uma teoria sexual infantil, uma memória encobridora, a serviço da cultura, do mito cristão.

### *Conclusões finais*

Dos dados vistos, desde que nossas construções cognitivas a respeito das mentes (teorias científicas, mitos e ideologias) resultam do contato da mente examinadora com a mente-objeto examinada; isto é, são comunicadas pela mente em exame, dependentes de receptores da mente examinadora, teremos de considerar todas as teorias que tenham aparecimento quando do processo interacional com *refutáveis*, isto é, jamais podem ser usadas para *compreender*, mas apenas para *conhecer* uma realidade mnêmica, isto é, o estado atual de uma memória o que é a função básica da comunicação, dar ao outro, tornar comum uma realidade mnêmica, o que burla o tempo e o espaço e é compatível com

o postulado do ego como um gerador de símbolos. Isto é, as teorias não são clinicamente utilizáveis como tais, mas apenas como memórias encobridoras.

*As teorias psicanalíticas tem origem interacional e são o mais vivo exemplo da influência do objeto sobre o sujeito e do sujeito sobre o objeto. Devem ser consideradas como contra-transferência, memórias encobridoras, material de análise que contém material mnêmico do paciente.*

O material mnêmico é transmitido do objeto ao sujeito ou do sujeito ao objeto por substância verbal ou para-verbal e o método de transmissão provavelmente é estável em cada paciente, a mesma estabilidade que permite a fundamentação do conceito de aparelho psíquico. Este mesmo método é utilizado para a fixação da *Cultura* no indivíduo e é o mesmo material que origina os mitos e que nos faz vivê-los.

*O objeto da psicanálise deve ser o estudo deste fenômeno: a substância e a forma da comunicação imperceptível.*

A função terapêutica se dá pela comunicação imperceptível e a interpretação desveladora não tem nenhum lugar *per se* a não ser comunicar que o analista *sabe*. Dependendo da situação clínica isso é terapêutico ou não. O terapêutico é o *discurso ao ser*, que não é um discurso, é uma *intervenção* que sempre é um ato de fala, isto é, é uma 'actuação'.

#### *Referências Bibliográficas*

- ARISTOTE - Traité sur les parties dês animaux. Paris, Aubier Éditions Montaigne, 1945.
- ARISTÓTELES - Obras Completas, Barcelona, Aguilar, 1970.
- BION, W. R. (1961) - Experiências com grupos. Rio de Janeiro, Imago, 1970.
- BION, W. R. (1962) - O aprender com a experiência. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1966, p40-43
- CAMPBELL, J. - O poder do mito (com Bill Moyers) Associação Palas Athena, São Paulo, 1988.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. - O ideal do ego. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992, p17-28.

- FREUD, S. (1913) - *Totem e tabu*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1975, v23.
- FREUD, S. (1939) - *Moisés e o Monoteísmo*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1972, v13.
- FREUD, S. (1898) - *O Mecanismo Psíquico do Esquecimento*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v3.
- FREUD, S. (1899) - *Lembranças Encobridoras*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v3.
- GRICE, H.P. - *Lógica Conversacional*. In: DASCAL, M (Org) - Pragmática. UNICAMP, Campinas, 1982.
- GROSSKURTH, P. - O Círculo Secreto. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- KLEIN, M. - *Simpósio sobre análise infantil (1927)*. In: Contribuições à Psicanálise. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970.
- KLEIN, M. - *Tendências criminais em crianças normais (1927)*. In: Contribuições à Psicanálise. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970.
- KLEIN, M. - *Primeiras fases do complexo de Édipo (1928)*. In: Contribuições à Psicanálise. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970.
- KLEIN, M. - *A personificação nos jogos das crianças (1929)*. In: Contribuições à Psicanálise. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970.
- KLEIN, M. - *A Importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego (1930)*. In: Contribuições à Psicanálise. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970.
- KLEIN, M. - *Uma contribuição à teoria da inibição intelectual (1931)*. In: Contribuições à Psicanálise. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970.
- KLEIN, M. - *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos (1934)*. In: Contribuições à Psicanálise. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970.
- KLEIN, M. - *O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos (1940)*. In: Contribuições à Psicanálise. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970.
- KRAMER, H. e SPRENGER, J. (1484) - Malleus Maleficarum (O martelo das feiticeiras). Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 1993.
- KUHN, T.S. - A estrutura das revoluções científicas. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. - Vocabulário da Psicanálise. Lisboa, Martins Fontes, 1988.
- MALINOWSKI, B. (1927) - Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1973.

MANNONI, O. - *O Divã de Procusto* . In: McDougall, J. e outros - *O Divã de Procusto*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

McDOUGALL, J. - *O Romance do perverso: as neo-sexualidades*. In: McDOUGALL, J. e outros - O Divã de Procusto. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, p76.

MELTZER, D. - O processo psicanalítico da criança ao adulto. Imago, Rio de Janeiro, 1967.

MELTZER, D. (1966) - *A masturbação anal e sua relação com a identificação projetiva*. In: BOTT SPILLIUS, E. (Eds) - Melanie Klein Hoje, Rio de Janeiro, Imago, 1988, v1, p110-124.

LIBERMAN, D. e LABOS, E.C. -*Acerca del caso Schreber. Consideraciones sobre su programacion desde la perspectiva vincular*. In: Fantasia Inconsciente, Vinculo y Estados Psicóticos. Buenos Aires, Ediciones Kargieman, 1982. p249-289.

POPPER, K.R. and ECCLES, J.C. - The Self and Its Brain. Springer International., London, 1977.

ROUSSELLE, A. - Pornéia - Sexualidade e amor no mundo antigo. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

SANDLER, J. e cols. (1987) - Projeção, identificação, identificação projetiva. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

SEGAL, H. (1964) - *Fantasia e outros processos mentais*. In: A Obra de Hanna Segal. . Rio de Janeiro, Imago, 1982.

**Endereço para correspondência:** [jfontanari@terra.com.br](mailto:jfontanari@terra.com.br)